

III Encontro da ANPPAS  
23 a 26 de maio de 2006  
Brasília-DF

**Extrativismo da Samambaia-preta na Encosta da Mata Atlântica (RS): *Uma Perspectiva Comunitária, Econômica e Espacial.***

Jorge Eliécer Acosta Suárez

(UFRGS – PGDR - DESMA)

Lovois Andrade de Miguel

(UFRGS – PGDR - DESMA)

Gabriela Coelho de Souza

(UFRGS – PGDR - DESMA)

**Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma primeira aproximação a uma caracterização da atividade extrativista de samambaia-preta na Encosta da Mata Atlântica sob uma perspectiva socioeconômica e espacial e, visa contribuir na percepção dos agricultores sobre o extrativismo como geração de renda, avaliar o uso dos estoques de samambaia-preta, detectando se têm escassez do recurso e o interesse dos agricultores familiares extrativistas em investimentos de manutenção desta atividade. O enfoque metodológico deste trabalho está baseado no “estudo de caso” (O Vale de Garapiá – município de Maquiné), o qual permitiria apontar a adquirir uma percepção mais completa do objeto de estudo, sob um enfoque metodológico *Quanti-Quali* representado nas entrevistas, a documentação indireta e direta e na análise espacial por intermédio de cartografia e georeferenciamento. Os resultados obtidos estão orientados à posse da terra, às áreas utilizadas para a atividade extrativista, ao perfil das famílias que se dedicam ao extrativismo, aos preços pagados aos agricultores pelo produto e a frequência de coleta da samambaia-preta por parte dos agricultores.

## **Extrativismo da Samambaia-preta na Encosta da Mata Atlântica (RS): Uma Perspectiva Comunitária, Econômica e Espacial.**

### **1. Introdução**

A Mata Atlântica, definida pelo CONAMA e incorporada ao Decreto Federal 750/93, corresponde às áreas de Domínio da Mata Atlântica que incluem a Floresta Ombrófila Densa (FOD) e ecossistemas associados (Conama, 1999). Desde 1991, esta área foi declarada Reserva da Biosfera pela UNESCO. Na gestão de áreas de Reserva da Biosfera buscam-se soluções para o dilema de como conciliar a conservação da diversidade biológica com o uso sustentável de seus recursos (Costa, 2002), entre esses dilemas encontramos o extrativismo de samambaia-preta.

No Brasil, o extrativismo de *Rumohra adiantiformis* (G. Forest.) Ching é realizado em áreas de Floresta Ombrófila Densa (FOD) do sul e sudeste do país (Conte et al, 2000; Hanazaki, 2001), tendo grande expressividade no RS (Coelho de Souza, 2003). Neste Estado, a espécie está presente em todo o território, sendo particularmente abundante nas encostas da Serra Geral. Nesta área, estima-se que duas mil famílias de agricultores familiares extrativistas dessa região dependem economicamente da extração de *R. adiantiformis* como principal fonte de renda. Sendo que estas áreas representam, atualmente, um centro de produção da espécie no país, pois cerca de 50% da samambaia comercializada no Brasil provém do estado do RS (Coelho de Souza, 2003).

Este extrativismo, iniciado no final na década de 60, atualmente está entrando em fase de declínio. Na década de 60, fatores históricos, econômicos e sociais desencadeados pela “revolução verde” levaram à diminuição da população humana vivendo nas áreas de encosta da FOD no RS. A partir de então, muitas áreas deixaram de ser manejadas, estimulando o início da regeneração florestal. Ao mesmo tempo o mercado nacional identificou a presença de *R. adiantiformis* nas áreas de encosta e a possibilidade de explorá-la economicamente. A coincidência destes dois momentos levou ao estabelecimento do extrativismo de samambaia-preta a partir da década de 70, como um novo ciclo econômico na região, tornando-se a principal fonte de renda para as famílias de agricultores familiares que permaneceram nas áreas de encosta.

A partir do estabelecimento desta atividade, nos anos 70, o extrativismo iniciou sua fase de expansão, atingindo uma fase de estabilização entre as décadas de 80 e 90. Com a sucessão florestal avançando, ocorreu a passagem dos estádios sucessionais iniciais para

estádios médios, levando à diminuição dos estoques de *R. adiantiformis* e o início da fase de declínio a partir dos primeiros anos do novo milênio (Coelho de Souza, 2003).

A região da Encosta Atlântica do RS (compreende os municípios de Caraá, Itati, Maquiné, Morrinhos do Sul, Osório, Santo Antônio de Patrulha, Terra de Areia, Torres, Três cachoeiras e Três Forquilhas) tem sido submetida a um intenso processo de atividades extrativistas de espécies florestais nativas. Estas atividades são implementadas por agricultores familiares locais submetidos à dupla exclusão, seja por não terem sido contemplados nas políticas desenvolvimentistas dos anos 70 ou por que hoje se encontram numa área-chave para a preservação ambiental. Portanto, é necessária a realização de ações e estudos que viabilizem alternativas sustentáveis para as famílias de agricultores que se dedicam a estas atividades, além de entender melhor a sua realidade.

## **2. Marco teórico**

### **2.1 Extrativismo**

A extração de produtos florestais para uso próprio das famílias ou para fins comerciais, é uma prática muito antiga e tradicional no Brasil, praticada geralmente por populações tradicionais e de agricultores familiares de baixa renda (Perez *et al.*, 1993). Este tema tem tido múltiplas preocupações de caráter ambiental e social, que vêm na prática extrativista uma alternativa para o desenvolvimento endógeno (local) e a conservação de espécies e ecossistemas (Diegues, 1994; Emperaire, 2000).

Dentro das mais variadas definições e discussões sobre o extrativismo, este pode ser entendido num sentido amplo e claro, como um termo que designa todas as atividades de extração, do meio ambiente, de produtos de origem vegetal, animal ou mineral, porém está freqüentemente associado a produtos vegetais. Os produtos oriundos de extrativismo provêm de sistemas de exploração de produtos florestais destinados ao comércio regional, nacional ou internacional. O extrativismo caracteriza-se por baixos investimentos de capital e uso de tecnologias simplificadas onde a mão-de-obra é o principal instrumento de extração, transporte e transformação do produto. Diferencia-se das atividades de coleta por estar inserido em uma lógica econômica regulada pelo mercado exterior. Diferente das atividades de coleta, onde o racional está baseado nas necessidades da unidade doméstica, sendo os produtos extraídos para consumo familiar ou escambo local (Pinton & Emperaire, 1992, Emperaire, 2000).

O extrativismo está ligado essencialmente a estudos que tem a ver com disciplinas como a ecologia e a economia (Lescure *et al.*, 1996), mas atualmente este vêm sendo

discutido em diferentes disciplinas, e sobre tudo se converteu em foco de estudo da etnociência. Apesar do status atual das pesquisas realizadas ainda faltam estudos que dêem conta da atividade extrativista como uma atividade de sustentabilidade em longo prazo.

No Estado do Rio Grande do Sul, onde os remanescentes florestais da Mata Atlântica cobrem cerca de 5,9% da área total, a área tombada pela Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA) e seus ecossistemas associados abrange uma superfície de 29.319 km<sup>2</sup>, totalizando 10% do território do Estado. A Bacia Hidrográfica do Rio Maquiné, na Encosta Atlântica do Litoral Norte gaúcho, foi uma das regiões selecionadas como áreas piloto da RBMA.

De uma maneira geral, essa região tem sido submetida a um intenso processo de extração da samambaia-preta. Trata-se de uma atividade, que envolve uma parcela considerável da população local, seja através da coleta, do arrendamento de terras, ou do transporte e venda a grandes centros consumidores no País.

No entanto, a população envolvida em atividades extrativistas é fortemente marcada por uma vulnerabilidade perante a legislação ambiental estadual atualmente em vigor. Segundo a legislação, encontra-se proibido o comércio das espécies nativas da Floresta Atlântica (FEPAM, 2000). Esta situação faz da extração de samambaia-preta uma atividade instável e precária, mantendo-a em situação de clandestinidade.

Atualmente a evolução do extrativismo no Brasil, mediante a participação direta dos extrativistas, tem conseguido importantes avanços, entre os quais se encontra a consolidação de reservas extrativistas como logros de tipo ambiental e social. Estas reservas extrativistas representam vários ideais, entre os que se podem ressaltar a procura de um desenvolvimento sustentável, participação comunitária em toma de decisões, reconhecimento e resgate do saber popular, além de alguns incentivos fiscais pela proteção da floresta.

### **3. Metodologia**

#### **3.1 Área de estudo**

O município de Maquiné está situado no litoral norte do Rio Grande do Sul, encontra-se no limite austral da Floresta Ombrófila Densa, Mata Atlântica. A bacia hidrográfica do Rio Maquiné possui uma área aproximada de 546 km<sup>2</sup> (29° 40' 49" S, 50° 13' 56" W). Localiza-se na região Norte do estado, entre as encostas da Serra Geral, cujas altitudes máximas situam-se em torno de 900 metros e a Planície Costeira do Rio Grande do Sul (RS).

A bacia hidrográfica do Rio Maquiné está localizada em área reconhecida pela UNESCO desde 1992 como Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. O clima da região é do

tipo subtropical úmido. A média pluviométrica anual é de 1731 mm, a média de temperatura é de 19,9 °C., a precipitação total mensal se mantém relativamente constante durante o ano e a curva de temperatura não ultrapassa a de precipitação, o que demonstra não ter épocas de seca prolongadas na região.

A população do município é de 7302 habitantes, sendo a população urbana de 1690 pessoas e a população rural totalizando 5612 (IBGE, 1991). A colonização no vale do rio Maquiné, marcada pela imigração de origem italiana, determinou o tipo de ocupação e parcelamento do solo, assim como a forma de relacionamento com a natureza. Paralelamente a esta tradição existem outros grupos sociais no vale, com outras formas e práticas de relacionar-se culturalmente com o ambiente. Entre eles destacam-se os Mbyá Guarani vivendo em Área Indígena de 2250 hectares localizada nos municípios de Maquiné, Riozinho e Caraá.

Nas áreas mais íngremes, onde antes ocorria desmatamento para atividades de agropecuária e uso da madeira, observa-se regeneração da mata nos mais diferentes estágios de sucessão secundária. Nas encostas mais suaves é ainda marcante a prática da agricultura e criação de gado e porcos e, nas várzeas férteis, a olericultura aparece como atividade econômica predominante.

Apesar da agricultura ainda permanecer reconhecida como economia formal da comunidade, nos últimos anos tem crescido a atividade extrativista de espécies nativas de uso ornamental, como a samambaia preta, orquídeas, bromélias e xaxim e alimentício, como o palmito juçara.

As atividades extrativistas desenvolvem-se nos fundos dos vales que conformam o município, é por isso que o universo empírico desta pesquisa são os fundos do Vale de Garapiá, onde atualmente moram cerca de uma dúzia de famílias de agricultores, as quais na sua maioria encontram na extração de samambaia-preta a melhor e única fonte de renda para se sustentar.

### **3.2 Enfoque metodológico**

Neste projeto se usa como método o “estudo de caso”, o qual permitiria apontar a adquirir uma percepção mais completa do objeto de estudo, o qual é afirmado por Triviños (1987) quando define o método de estudo de caso assim: “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente” (p.133). O caso objeto desta pesquisa é estudar o extrativismo no vale de garapiá do município de Maquiné.

O estudo de caso pode ser definido como uma exploração de um sistema delimitado ou de um caso (o extrativismo em Maquiné), obtido por meio de uma detalhada coleta de dados (o projeto Avaliação e promoção de alternativas produtivas sustentáveis para agricultores familiares tradicionais na região da Encosta Atlântica do RS), envolvendo múltiplas fontes de informações (estudos realizados pela parceria ANAMA – PGDR – FEPAGRO). O estudo de caso facilitará um estudo aprofundado do extrativismo em Maquiné, em sua complexidade e em seu dinamismo próprio, fornecendo informações relevantes para a tomada de decisão.

O estudo de caso é um método muito utilizado em pesquisas qualitativas, desenvolvendo-se em uma situação natural, rica em dados descritivos e que focaliza a realidade de uma forma complexa e contextualizada. Esse método também é utilizado em estudos quantitativos.

Nesse tipo de estudo, o pesquisador é um observado, reunindo informações sobre os comportamentos, características e aspectos relevantes das populações, à medida que eles, naturalmente, são verificados.

O tipo de estudo de caso que utilizarei é o estudo de caso formal baseado na teoria previa que permite ao pesquisador descrever, analisar e entender determinados fenômenos, além de comparar certas teorias existentes ou relacionadas com o campo da pesquisa.

Este método tem um enfoque metodológico *Quanti-Quali*, já que o estudo de caso nos permite este manejo, e de algum modo nos dá ferramentas para superar as limitantes que constantemente enfrentamos ao trabalhar estas duas formas de pesquisa isoladas uma da outra.

As técnicas qualitativas que estão sendo utilizadas têm como objetivo a orientação e focalização do trabalho à procura de traços, particularidades e características específicas da população do vale do Garapiá em Maquiné, com isso se tem logrado uma validação local e endógena a partir dos elementos da comunidade. Estes tipos de técnicas estão representados em basicamente na documentação indireta, a documentação direta, entrevistas exploratórias, entrevistas estruturadas, entre outras.

Além das metodologias qualitativas estão-se usando técnicas quantitativas (cartografia, Georefenciamento, etc.) que nos ajudam a ter uma avaliação externa na pesquisa, especificamente na perspectiva espacial da investigação, a qual permitirá avaliar distancias entre os sítios de extração de samambaia-preta e moradias dos agricultores, disponibilidade de estoques de samambaia-preta, quantidade de área explorada pelos agricultores na atividade extrativista da samambaia-preta, entre outras.

A amostragem foi definida em 12 famílias que praticam a atividade extrativista nos fundos do Vale de Garapiá. O vale foi escolhido por ser a zona que na atualidade apresenta

uma grande atividade extrativista de samambaia-preta. Sabendo-se que famílias de outros vales vêm a o vale de Garapiá a praticar extrativismo. Neste vale encontram-se famílias que devem seu sustento quase num 90% à extração de samambaia-preta.

#### **4. Resultados**

Os resultados aqui apresentados referem-se a uma primeira aproximação da pesquisa que vem sendo desenvolvida dentro do projeto samambaia-preta financiado pelo CNPq e executado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul por intermédio da Pós-graduação em Desenvolvimento Rural com o grupo de pesquisa DESMA. Estes resultados estão baseados em entrevistas abertas e visitas feitas às famílias de agricultores dedicados à atividade extrativista no vale de Garapiá no município de Maquiné e, estes se referem à posse da terra das famílias de agricultores dedicadas à extração de samambaia, ao tamanho das áreas utilizadas para o extrativismo, ao perfil das famílias que se dedicam ao extrativismo, aos preços pagados aos agricultores pelo produto e a frequência de coleta da samambaia-preta por parte dos agricultores.

Os principais resultados obtidos nesta primeira parte da pesquisa são:

1. Nas entrevistas feitas aos agricultores foi exposta a importância da atividade extrativista como uma das únicas atividades com retorno semanal frequente e seguro, mas não se deixa de lado o fato de que o extrativismo é uma atividade muito penosa que não retorna o ganho esperado, pois o preço pago pelo produto é muito baixo.
2. Os agricultores ligados à extração de samambaia-preta (os extrativistas) apresentaram diferenças relacionadas à posse e disponibilidade de terra, à dependência do extrativismo como fonte de renda, ao grau de diversificação do sistema produtivo e às estratégias de comercialização.
3. Em relação à terra, identifico-se que parte dos agricultores familiares que se dedicam à extração de samambaia-preta, não possui áreas adequadas para a realização da atividade ou possuem estas áreas em tamanho reduzido. Essa condição obriga estes agricultores a arrendarem áreas pertencentes aos vizinhos, que na sua maioria são agricultores aposentados.
4. Com relação ao sistema produtivo utilizado e à dependência econômica dos agricultores para com a atividade de extração, identificaram-se aqueles que realizam a coleta com uma frequência semanal (a maioria de vezes respondendo a uma necessidade do mercado, encargo do atravessador), não desenvolvendo praticamente nenhuma atividade agrícola destinada ao autoconsumo. Igualmente identificaram-se famílias que desenvolvem

algumas atividades agrícolas para autoconsumo e, em menor quantidade, famílias de agricultores que apresentam uma diversificada produção agrícola, tanto para autoconsumo como para venda, realizando cortes esporádicos da folhagem, a maioria de vezes para compra de produtos complementares para a cesta básica. Sendo que a maioria da população envolvida tem nessa atividade a sua principal fonte de renda.

5. A extração da samambaia-preta ocorre durante todo o ano, mas os meses de verão se caracterizam por uma diminuição da atividade. Tal situação relaciona-se à migração de agricultores, que buscam empregos temporários no comércio das cidades litorâneas. Nos meses de inverno, devido à elevada ocorrência de chuvas e às baixas temperaturas, tendo por consequência um aumento da penosidade do trabalho, e primavera, devido à época de plantio das culturas de verão, alguns extratores tendem a reduzir a quantidade extraída.

6. Os preços pagos pela samambaia-preta flutuam entre R\$ 0,35 e R\$ 0,45, esta diferença está relacionada diretamente com o destino e a qualidade do produto.

7. A renda das famílias dedicadas à atividade extrativistas é um fator difícil de estimar, mas com as entrevistas feitas até agora, podemos dizer que esta oscile entre um a dois salários mínimos. A coleta de samambaia-preta junto com a venda da força de trabalho são quase as únicas atividades econômicas praticadas pelos pequenos agricultores localizados nos fundos dos vales do município de Maquiné.

8. Com relação à perspectiva espacial, tem-se estimado pelos relatos escutados dos agricultores, que as distâncias percorrer para tirar samambaia-preta cada vez são mais longas, podendo-se pensar que a disponibilidade desta espécie é cada vez mais reduzida, e que os lugares de ocorrência são mais afastados das moradias das famílias agricultoras.

## **5. Considerações Finais**

Na discussão sobre a atividade extrativista de samambaia-preta encontram-se diferentes colocações sobre o desejo dos agricultores de manter esta atividade ou não como fonte constante e continua de renda. No decorrer desta pesquisa tem-se identificados aspectos de importância para esta discussão, esses elementos são vindos dos agricultores que praticam esta atividade como a sua única fonte de renda, estes se baseiam principalmente no fato que a extração de samambaia-preta não é uma atividade fácil, e que a força de trabalho investida nesta não se vê recompensada com o dinheiro que recebem pelo produto, mas que sem dúvida é uma atividade que devem realizar já que esta é uma atividade que dá ganho quase semanal e não precisam de muito investimento material (mas se de força de trabalho).

Durante as longas conversas e entrevistas tidas com os agricultores e as suas famílias, tornaram-se evidentes aspectos importantes para tratar de entender o desejo dos agricultores. O aspecto que se apresentou foi o desejo de que seus filhos não pratiquem o extrativismo, por eles considerar esta atividade muito penosa, vergonhosa e perigosa, na medida que é uma atividade que não é bem vista pela comunidade em geral, além de ser uma atividade com restrições legais que na sua grande maioria os agricultores não entendem e desconhecem.

A pratica da atividade extrativista se dá freqüentemente entre as pessoas da família de mais idade, que pelo geral são pessoa que se tem dedicado a maioria da sua vida à atividade, escutando deles comentários como “*a samambaia-preta está acabando*”, isto é dito por eles, devido a que cada vez tem que caminhar mais para chegar às parcelas de extração, aumentando desta maneira a penosidade do trabalho extrativista.

È importante destacar nestas considerações o pouco conhecimento que tem os agricultores acerca de um possível manejo da capoeira (perdida da memória local), pois eles falam da possibilidade de dar um manejo a o mato para praticar o extrativismo livremente (sem restrições ambientais) e continuar com esta atividade, mas manifestam não saber como fazer manejo da capoeira sem a queima.

Não de deve desconhecer que o extrativismo é de grande importância econômica para as famílias de agricultores que tem pouca terra, pois esta atividade se converte na única fonte de renda destas famílias junto com a venda da sua força de trabalho e, é sem dúvida fonte de renda para as outras famílias que encontram nesta atividade a possibilidade econômica de complementar a sua alimentação, já que, a extração de samambaia-preta da para elas poder de aquisição, para assim ter acesso a produtos diferenciados e necessários para o bem-estar da família.

Pode-se concluir que as atividades extrativistas devem ser integradas ao sistema de valores dos agricultores familiares extrativistas; inserir-se na organização do espaço existente no extrativismo; incluir sistemas de manejo apoiado em saberes, práticas e tradições do trabalhador extrativista (reconhecimento e resgate do saber local) e harmonizar-se com os hábitos de processos de trabalho extrativista.

## 6. Bibliografia

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 1998.

ANAMA, PGDR-UFRGS, RS-RURAL. **Avaliação etnobiológica e socioeconômica da samambaia-preta (*Rumohra adiantiformis* (G.Forest.) Ching) na região da Encosta Atlântica do Estado**. Porto Alegre, junho de 2003, 111p. (Relatório de Pesquisa, Pesquisa por Demanda – RS RURAL, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, RS).

ANAND, S. SEN, A. **Human Development and Economic Sustainability**, World Development, vol. 28, n. 12, Elsevier Science Ltd., Pergamon, Great Britain, 2000, p. 2029-2049.

BERNI, A. (Org.). **Técnicas de Pesquisa em Economia: transformando curiosidade em conhecimento**. Florianópolis: Ganges, 1998.

BOCCHI SCM. **Modelo operacional do estudo de caso como estratégia de ensino na disciplina de enfermagem médico-cirúrgica - avaliação dos alunos**. Rev Latino-am Enfermagem 1996 dezembro.

CASSANDRA, S. **Metodologia e organização do projeto de pesquisa**. Fortaleza: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, maio, 2004. p 4- 11.

CERVO, A.; BERVIAN, P. **Metodologia Científica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

COELHO DE SOUZA, G. *et. al.* **Avaliação etnobiológica e socioeconômica da samambaia preta (*Rumohra adiantiformis* (G. FOREST.) ching) na região da Encosta Atlântica do Estado**. Projeto de Pesquisa – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da (PGDR) UFRGS e Ação Nascente Maquiné (ANAMA), setembro de 2000. 15 p. (Pesquisa por Demanda – RS RURAL, Secretaria Agricultura e Abastecimento, RS).

CRESWELL JW. **Qualitative inquiry and research design - choosing among five traditions**. London: Sage; 1998.

DUFUMIER, M. **Lês projets de développement agricole**. Paris: KARTHALA – CTA, 1996, p 354.

FEPAM. **Diretrizes ambientais para o desenvolvimento do Litoral Norte**. In: FEPAM (org.). Cadernos de planejamento e gestão do litoral ambiental, Porto Alegre, vol. 1, 2000. 96p.

GERHARDT, C. H. *et. al.* **Diagnóstico socioeconômico e ambiental do município de Maquiné – RS: perspectivas para um desenvolvimento rural sustentável**. Relatório de

Pesquisa, ANAMA – PGDR/ UFRGS – Prefeitura Municipal de Maquiné, Porto Alegre, 2000. 56p.

GERHARDT, C. H. & MIGUEL, L.A. **Evolução dos sistemas agrários do litoral norte do estado do Rio Grande do Sul: o caso do município de Maquiné – RS.** In: Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, 4, 2001, Belém. Belém: SBSP/ UFPA-CANEAF/ EMBRAPA-CPATC, 2001. 19p.

MAZOYER, M., ROUDART, L. **História das agriculturas do mundo: do neolítico à crise contemporânea.** Lisboa: instituto Piaget, 2001.

MILTON, S.J. & MOLL, E.J. **Effects of harvesting on frond production of *Rumohra adiantiformis* (Pteridophyta: Aspidiaceae) in South Africa.** *Journal of Applied Ecology*, New York, n. 25, 1988, p. 725-743.

PINTON, F.; EMPERAIRE, LAURE. **L'extractivisme en Amazonie brésilienne : un système en crise d'identité.** *Cahiers des Sciences Humaines*, 1992, Vol. 28, Num. 4, p. 685-703.

POSEY, D. **Traditional knowledge, conservation and “The rain Forest harvest”.** In: M. Plotkin and L. famolare (eds) *sustainable harvest and marketing of rain Forest products.* Washington, DC: Conservation International, Island Press, 1992.

SEVERINO, A.. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1995, 175 p.

VEIGA, J.E. **Desenvolvimento Agrícola: uma visão histórica.** Edit. Hucitec, Edusp. São Paulo, 1991.